

Estudos sobre a litteratura

I

A litteratura como a religião está sujeita á innovações. — Ella existe ; — O que nos cumpre fazer para estudá-la. — Diffinição. — Motivos porque não se aceita esta diffinição. — Objeção contra a nossa theoria. — Resposta. — Considerações geraes sobre a Litteratura Romana. — Motivos da sua decadencia. — Applicação. — Conclusão.

Como a religião a litteratura tem um Templo ; como ella, tem seus sectarios e ministros, e ainda como ella, acha-se sujeita a infalliveis oscillações, emquanto houver no mundo o espirito innovador, emquanto houver no mundo a lei do progresso.

A questão já não é o — *To be or not to be* de Shakspeare. O que nos cumpre fazer é transpassarmos os combros de trevas que circulam o templo, apartarmos o falso do real para assim attingirmos ao adyto aonde regorgita a verdadeira luz.

Porém, como é necessario para chegarmos ao conhecimento completo d'aquillo que intentamos estudar—suscitar questões, levantar duvidas e descrever finalmente, nós diremos n'este primeiro artigo, que cremos em algumas cousas, e que em muitas não acreditamos.

Muitos ha que dizem que a *litteratura é a fiel expressão da sociedade*.

Nós não somos dessa opinião.

Si acaso os factos que se dam no seio da Muitos ha que dizem que a *litteratura é a fiel expressão da sociedade*.

Nós não somos dessa opinião.

Se acaso os factos que se dão no seio da familia, e as scenas que se passam no regaço da sociedade fossem inseridas nas paginas d'um romance, ou imitadas no theatro, apenas colloridas pela eloquencia da habil penna do escriptor, si acaso, dissemos nós, assim se desse, então sem duvida alguma que confessariamos a justeza dessa diffinição.

Porém, infeliz d'aquelle povo que admitte como real expressão da sua sociedade, o turbilhão de peripecias muitas vezes impuras que a fervente imaginação do tomancista ou dramaturgo, insere nas paginas d'um volume ou arroja ao scenario d'um theatro para fazer córar de pejo as mulheres e filhas desse mesmo povo !

Poderemos por ventura dizer que é a *fiel expressão da nossa sociedade*, esses dramas que infelizmente invadem por todos os theatros, e que não tem por outro logar commum sinão a quédia da mais honrada espoza ao primeiro beijo do adulterio ?

Poderemos dizer que é a *expressão fiel da nossa sociedade* aquelle drama em que o autor appresenta um homem (embora embriagado !) querendo subir para o leito da vendida, para n'elle deparar a vergonha de seus dias, na prostituição da sua propria filha ?! (1)

Ou então um outro que intenta seduzir e macular uma exemplar e honesta espoza, mas que tambem n'ella vae reconhecer sua propria filha ?! (2)

Por certo que não. Nós pelo menos não cremos na degredação da nossa sociedade.

Mas, nos objectarão :—São factos que podem acontecer, e que acontecem realmente em outros paizes que não o nosso.

Ora si elles ainda não se deram e si já foram levados para o palco segue-se que tal trabalho não é a expressão da nossa sociedade, mas sim effeitos d'uma imaginação que deve ser condemnada, porque introduz máus costumes.

Si é porém a cópia de outra sociedade que não a nossa, então deixem-nos dizer que tal trabalho deve pertencer não a nossa sociedade, mas sim a essa que elle retractou.

(1) Alencar—*Azas de um anjo*.

(2) Dr. Falcão Filho—*O Libertino*.

Ha no berço das nações nascentes um germen de destruição qua profundamente se entranha no seio da sua civilização. Esta particula fatal de dissolução, se desenvolve gradualmente, a ponto de manietar os braços da mesma nação quando ella chega ao seu apogeu de glorias, e de arremessá-lo ao depois pelo despenhadeiro da decadencia, ruinae . . . esquecimento completo.

As civilizações passadas nos provam isto.

Roma, a senhora do universo, baqueou ao peso das suas proprias glorias e poderio !

A voz dos Gracchos, Scipíões e tantos outros nesse época já não era mais lembrada.

O que se via então era um imperador que dava as honras de senador ao seu cavallo predileto ; ou o senado que se reunia para deliberar da melhor maneira de fazer-se um guizado ! (3)

As aguias jaziam adormidas para sempre nos seus ninhos as tubas de guerra sem saberem modular estrophes marciaes ; o imperio apodrecendo na volupia, e a turba dos palacianos a corcar de louros a fronte do libertino Horacio !

Já não era para admirar que Virgilio tivesse entoado :

O crudelis Alexi, nihil mea carmina curas ?

Nil nostri miserere ? Mori me denique coges !

Ou que Ovidio quizesse eternisar no livro dos seus amores a sua impura aventura meridiana. (4)

O germen da dissolução tinha tomado corpo.

A civilização de Roma já não o acalentava em seu regaço : era elle que então a desfazia com as suas possantes garras.

Embora que nessa época, (em que os espiriros se achavam agrilhoados pelas violencias da tyrania, e que os labios dos homens inteligentes não podiam se abrir publicamente sinão para pronunciar panigyricos vergonhosos,) se surprehenda n'uma das epistolas de Plinio o moço o seguinte :

Jam hoc pulchrum et pene antiquam Senatū nocte dirimi triduū vocari, triduū contineri !

Embora . . já era muito tarde.

Roma, nem podia ficar parada, e nem podia arripiar carreira.

Era mister que cahisse . . . cahiu !

Nada no mundo pode se apartar desta fatal lei da natureza : o estado como o homem nasce, cresce, chega ao zenith da gloria, a , depois é infallivelmente necessario que desça pela ingreme ladeira opposta até desaparecer, sumir-se inteiramente da face do universo por entre o nimbo do perpetuo esquecimento ! . . .

A Litteratura Romana acabava de pronunciar a sua ultima palavra ; e empellida pelos factos materiaes, pelas vexações da tyrania era falsa, não só porque não tinha liberdade, como ainda porque eivada das impurezas aulicas, pintava uma depravação de costumes, e sentimentos que realmente não havia.

Façamos applicação.

Supponha-se que existe um novo estado, (ponha-se de parte o christianismo) que embala em seu collo uma nova civilização.

Alguem já disse que para ser autor é mister primeiro imitar.

O Estado é como o homem, por consequencia ha de seguir infallivelmente esta lei.

Criança ainda, não pode ter uma litteratura propria, portanto contenta-se em imitar.

Agora pergunto eu : a litteratura desse novo Estado, que não é mais do que uma cópia da Litteratura Romana, pintará realmente a sua sociedade ? ou por outra, será a sua fiel expressão ?

Vê-se claramente que não.

Por consequencia é um erro dizer-se que a litteratura é a fiel expressão da sociedade.

Continúa.

VARIEDADE

CONTOS DA SERRA

OS HERODES DOS MONTES

III

Depois de conservar-se por algum tempo silencioso, o sertanejo perguntou ao viajante :

— Ainda não estás com medo ?

— Não, respondeu elle.

Ouçã então uma outra historia bem horrivel.

E principiou :

Este logar já foi muito frequentado ; desde porém, que cousas tão tristes n'elle se deram, principiou a ficar abandonado.

Vou agora referir-te uma outra das muitas causas.

N'uma sexta-feira sancta estava toda a villa na egreja entregue á oração quando um bando numeroso de homens sinistros n'ella entrou em tropel.

O povo, indignado por ver o pouco caso com que os intrusos assistiam á cerimonia religiosa, principiou a murmurar e a olhar desconfiado para o bando desconhecido.

De repente um d'elles, de rosto largo, barbas cerradas e pretas, gordo e comprido, e que parecia ser o chefe, disse em voz alta :

« Que sucia de sevandijas ! Estão todos admirados por ver homens civilizados abaxar-se até o nivel d'elles dando-lhes a honra de assistir em sua companhia á esta cerimonia. Meus amigos, continuou voltando-se para os seus companheiros, estejam prompts para o que der e vier. »

N'isto o sacerdote, um velho de 70 annos, voltando-se para os forasteiros, exclamou :

— Irmãos em Jesus Christo ! sede attentos á estes sacrificios que celebramos hoje, e admiraes constrictos a sublimidade do amor do Filho de Deus que tanto soffreu por nós e por nós morreu. Não profaneis . . .

Não acabou a phrase porque o chefe do bando atirou-se para elle e apertando-lhe a garganta, disse :

— Não gosto de sermões ! Podes impingir aos teus comparochianos tudo quanto quizeres, porém deixe-nos socegados.

E deu-lhe tremenda bofetada.

O padre, atordado com a violencia da pancada, cahiu redondamente no chão.

O povo atirou-se sobre o malvado.

O resto do bando veio em soccorro de seu chefe e apagou as luzes do altar.

Deu-se então muita bordoadada na egreja.

O páu voava de todos os lados.

Os sons das pancadas atroavam os ares. As mulheres gritavam e procuravam fugir, mas em balde, porque estava trancada a porta da egreja.

Foi uma confusão horrivel e um satânico combate.

O povo não tinha armas para defender-se e por isso lançava mão das cabeçadas.

De repente, no meio da maior confusão, o chefe e seu bando vendo que era tal o delirio na egreja que o povo esbordoava-se julgando fazê-lo aos intrusos, retiraram-se discretamente levando comsigo os filhinhos das mulheres desmaiadas e o velho padre.

Quando viram-se fóra da egreja montaram a cavallo levando-os comsigo.

Corriam por esta serra como endemoninhados.

Entretanto na egreja o sangue corria em abundancia ; os gritos e lamentos dos feridos e das mulheres misturando-se com as imprecações dos que combatiam, faziam um côro infernal e nunca visto.

De repente um grito ainda mais doloroso do que os outros, grito arrancado do fundo d'alma, fez-se ouvir na egreja.

Era o grito das mães que procuravam os filhos.

Os combatentes tomados de subito sentimento cessaram a lucta.

(3) Domiciano—Imperador.

(4) Canção 5.^a do L. 1.^o

Um d'elles procurando lume no altar encontrou phosphoros e acendeu as velas.

Novo grito, mas de horror e profunda dôr, ecoou pelas abobadas do Templo.

Foi quando o povo reconheceu que em lugar da lucta ser com os estranhos fora com os amigos e parentes.

Quando viu cabeças quebradas, braços mutilados, corpos estendidos sem movimentos, mulheres desmaiadas e feridas, uma dôr horrível confrangeu-lhes o coração.

A profanação fora sacrilega de mais, cumpria que o castigo inflingido aos seus auctores e cúmplices fosse exemplar.

O povo sahiu portanto aos poucos do Templo acompanhando e consolando as mulheres e mães.

Muitos corpos de pessoas de ambos os sexos sahiram d'alli para o cemiterio.

Não tendo apparecido até o dia seguinte nem o velho padre nem nenhum dos salteadores, os aldeãos reuniram-se todos, armaram-se, e montando a cavallo dividiram-se em dous bandos, indo um para cima e outro para baixo da serra.

Uma unica mulher acompanhava o bando, e esta seguia o que ia para cima.

Era uma mulher a quem roubaram dous filhinhos na igreja e que enlouquecera de dôr.

Quatro dias seguidos esteve a villa sem um unico homem.

Só mulheres n'ella se viam e estas causavam dôr ver-se.

Estavam pallidas, desgrenhadas, e pedindo em altas vozes ao céu que lhes entregasse os seus caros filhinhos tão desapiadadamente roubados aos seus affectos.

Preces continuas, lamentos inintermptos, gritos que cortavam o coração, eis o que se via.

Era um triste espectáculo.

Dir-se-hia o dia do juizo final.

Na quinta noite depois que os aldeãos partiram em procura dos ladrões, o primeiro bando encontrou-os finalmente, porém tal foi o terror que se apoderou de todo elle, que nem teve animo de fazer cousa alguma.

Os ladrões estavam todos sentados no chão.

O velho padre amarrado a uma arvore, com o corpo todo pintado, estava na extremidade da assembléa com a cabeça erguida para o céu e mudo como uma rocha.

Só de vez em quando um som baixo e quasi imperceptível sahia-lhe, como que á custo, do peito, e como um protesto da natureza frágil do homem.

A seu lado direito estava uma grande colher pendurada á arvore em que elle estava amarrado.

Ao lado esquerdo havia um grande brazeiro em que ardia um caldeirão que exhalava um odor diabólico.

Os ladrões formavam um semicirculo tendo em uma das extremidades o padre e na outra uma velha mulher cuja cabeça estava completamente desprovida de cabellos.

Esta entoava de pé uma canção lugubre, acompanhando o canto com accionados seguidos.

Terminado o canto, foi ao brazeiro, destampou o caldeirão, do fundo do qual levantou-se uma densa fumaça com um cheiro nauseabundo, e encheu uns copos com agua que d'elle tirou.

Entregando então os copos aos seus companheiros, disse:

« Amigos! O fim unico de nossa associação é procurar o philtro que deve eternisar-nos a vida. Já encontrámo-lo de ha muito. Nossas forças augmentam-se diariamente com esta bebida succulenta. Ergamo-nos, pois, e encarando o astro da noite, bebamos até ás fezes estes copos que contém a vida e a força. »

Todos posaram-se de pé e iam esvaziando os copos quando unisonamente deram o mesmo grito:

—A's armas! gritaram elles.

Tinham visto e reconhecido os aldeãos.

Estes atiraram-se com impeto contra os ladrões, aprisionaram-lhes o chefe e mataram aquelles que não conseguiram fugir.

Quando foram soltar o padre, encontraram-no morto com uma punhalada no coração.

A aldeão que os acompanhou dirigiu-se então para o caldeirão a vêr o que n'elle se continha. Deu um grito e cahiu.

Estava morta.

Os homens foram então a seu turno examinar o que seria aquillo.

Juncto ao caldeirão encontraram as duas cabeças decepadas dos filhinhos da fallecida.

No caldeirão estavam os restos dos membros.

Carregaram o corpo da infeliz, o do padre, a velha e o caldeirão, e levaram tudo para a villa.

Ahi chegados, e depois de cumpridos os deveres de religião para com os dous corpos, formaram um tribunal composto de anciãos, e para elle levaram a velha e o chefe dos ladrões.

Este contou o seguinte:

« Homem sem instrucção, e ambicionando ser eterno como Deus, ouvi falar muitas vezes n'um philtro até então desconhecido, mas cuja virtude seria de prolongar indefinidamente a vida e dar forças.

Arranjei alguns companheiros propensos, como eu, á vida errante, e principiámos a fazer tentativas afim de descobrir o segredo da vida.

Esta velha, (e apontou para sua companheira) sabendo dos nossos fins veio uma noite ter comigo e disse-me pouco mais ou menos o seguinte:

O que procuraes? A vida? A força? Tudo isto vos darei. Em primeiro lugar, para adquirir-se uma vida eterna, é preciso bebê-la onde ella estiver ainda em começo. Isto só se encontra no corpo do recém-nascido porque este tem-na em germen. Bebendo nós a vida que elle devia ter, possuímos duas, a nossa e a d'elle. Quanto á força, o mesmo se dá. »

Admitti-a á nossa associação.

Não trepidei nos meios de haver crianças. Ha bastante tempo que isto faço.

Não me arrependo d'isto porque foi o expediente de que lancei mão para obter dinheiro, e o mais que desejava.

Posso agora morrer. »

Quanto á velha, esta repetiu o mesmo que seu cúmplice.

Foram ambos condemnados á fogueira.

Quando nella entraram ambos gritaram:

« Miseraveis! Só assim conseguiriam vencer-nos. Zombámos, porém, por muito tempo de vosso poder. »

Depois um formidável grito sahiu da fogueira.

O que pensas que seria? perguntou o sertanejo ao viajante.

A dôr da morte, respondeu este.

Qual, disse o sertanejo, era peor. O ladrão lá dentro ainda tentou adquirir vida e força e principiou a comer o braço da velha. Eis o motivo do grito. Não acabou, porém, porque cahiu morto.

Eis, meu amigo, a triste historia que te disse ser mais terrível do que a precedente.

Não achas que é exacto?

SILVA GUIMARÃES.

CORRESPONDENCIA

Acampamento em Luque, 12 de Abril de 1869.

Amigo e sr. redactor.—E' v.s. redactor principal da *Chrysalida*, jornal academico, e portanto, usando da franqueza usual entre nós estudantes, peço-lhe a publicação em sua olha das seguintes linhas:

O Caxias debicou-nos completamente. Nós, alumnos da Escola Militar, temos sido escandalosamente preteridos nas nomeações para officiaes do exercito, comquanto tenhamos já o nosso curso preparatorio concluido na Escola Militar e algum tempo de campanha!

Só muito amor á nossa carreira e á bandeira, symbolo da nossa nacionalidade, é que fazem com que ainda aqui fiquemos, expondo a vida e a saúde, *sem resultado algum*.

O exercito vae vêr pela quinta vez um novo general em chefe.

Espera-se a todo o momento o conde d'Eu que virá substituir o general Guilherme.

Este, tendo obtido do governo plenos poderes para mandar cumprir as *sentenças de morte*, conceder a já *relaxada medalha do merito*, promover por distincção até o posto de major e até o de coronel de commissão etc., etc., desconfiando que o governo quizesse com elle jogar uma farça, concedendo-lhe esses poderes e mandando-lhe immediatamente um substituto, apenas serviu-se dessa concessão para decretar uma *geral matança de cães* que infestavam esta villa.

No exercito elle nada fez por temer que o conde d'Eu annullasse as promoções de commissão que elle aqui fizesse.

Prepara-se grande sequito para receber o conde. Todo o Estado maior do general em chefe, os dous diferentes corpos de exercito, e mais dous corpos de cavallaria irão recebê-lo a meio caminho de Assumpção para aqui.

Consta que o conde fixará o seu quartel general nesta cidade.

A guarda de honra que espera-o é composta de quarenta praças commandadas por um capitão.

O exercito cahiu em grande *descrença* desde que cessou de lutar.

O conde d'Eu reanimá-lo-ha?

NOTICIARIO

PHYSIÖGNOMIA DA QUINZENA

Jornal. — Recebemos os primeiros numeros do *Radical Paulistano* e agradecemos á sua illustrada redacção o offerecimento que nos fez de sua conceituada folha.

« **Imprensa Academica** ». — Recebemos os primeiros numeros desta folha que, intitulado-se o organ de nossa corporação, apresenta-se de novo em publico com esperançoso porvir.

E' redigida por nossos collegas dos diversos annos academicos e á sua frente está o nosso distincto amigo e companheiro d'estudo o sr. Martins Cabral Moreira dos Sanctos.

Quando a academia vê-se representada por moços de talento e estudo da força do redactor principal e redactores parciaes da *Imprensa Academica* não podemos deixar de proromper um brado de admiração e orgulho.

E' o que fazemos ao dar esta noticia.

Fallecimento. — A's 11 horas da noite de 25 do proximo passado mez falleceu o sr. Julio Mariano Galvão de Moura Lacerda, director do collegio União e pae do nosso distincto collega o sr. João Baptista Galvão de Moura Lacerda.

O fallecido, pae de numerosa familia, honrado e pobre, entregou a alma ao creador legando a seus filhos um nome honrado, uma reputação illibada e o exemplo d'uma vida toda ella gasta no trabalho.

A'sua familia damos os nossos pezames.

Errata. — No folhetim do numero anterior onde lê-se — amarrar leia-se — amarar.